



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

SOCIOLOGIA PRAXIOLÓGICA DO CONHECIMENTO E PRÁTICAS INFORMACIONAIS

PRAXIOLOGICAL SOCIOLOGY OF KNOWLEDGE AND INFORMATION PRACTICES

Anderson Itaborahy. UNB.

Ivette Kafure. UNB.

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O surgimento de um paradigma social na Ciência da Informação abriu no campo a busca por formas de estudar os mecanismos sociais e interativos na informação. A Sociologia Praxiológica do Conhecimento e o Método Documentário a ela associado oferecem a possibilidade de novas lentes para observar o fenômeno informacional. Neste texto essa possibilidade será discutida com foco nos elementos que se conectam com os estudos de usuários da informação, especialmente com as formas como estes constroem coletivamente os significados e como compartilham informações. Espera-se assim contribuir para a enriquecer as bases teóricas e metodológicas para a compreensão do fenômeno informacional.

Palavras-Chave: Estudos de Usuários. Práticas Informacionais. Sociologia Praxiológica do Conhecimento. Método Documentário.

Abstract: *The emergence of a social paradigm in Information Science opened in the field the search for ways to study the social and interactive mechanisms in information. The Praxeological Sociology of Knowledge and the Documentary Method associated with it offer the possibility of new lenses to observe the informational phenomenon. In this text that possibility will be discussed with a focus on the connection elements with the studies of information users, especially with the ways in which they collectively construct meanings and share information. This is expected to contribute to enriching the theoretical and methodological bases for understanding the informational phenomenon.*

Keywords: *User Studies. Information practices. Praxeological Sociology of Knowledge. Documentary Method.*

1 INTRODUÇÃO

Araújo (2016) aponta três fases ou abordagens no estudo de usuários, associadas aos diferentes paradigmas da Ciência da Informação e aos conceitos de informação subjacentes.

Na primeira abordagem, designada “Estudos do Uso da Informação” o foco está em compreender como os usuários acessam os serviços de informação, buscando estabelecer leis e padrões de comportamento dos usuários. A informação é considerada um objeto em si, com



propriedades que podem ser medidas e registradas, existindo independentemente do indivíduo, conforme o paradigma físico da Ciência da Informação.

A segunda abordagem, os “Estudos de Comportamento Informacional”, toma por base o paradigma cognitivo, que entende a informação como uma estrutura mental do indivíduo. A informação, conforme definem Belkin e Robertson (1976), seria aquilo capaz de alterar essa estrutura mental.

A partir da constatação de uma necessidade ou uma lacuna no seu conhecimento, o indivíduo dispara um processo de busca e interpretação da informação. O foco passa da informação-objeto para o indivíduo, que seria o agente capaz de lhe atribuir significado. Tem-se uma visão da informação como conhecimento.

A partir da década de 1990, surge um movimento de questionamento das visões até então adotadas. Frohmann (1992) tece fortes críticas à abordagem cognitiva e ao estudo do Comportamento Informacional. Sugere que essa seria uma abordagem essencialmente mecanicista, que ignora o caráter histórico e social da informação. Tanto o estudo do uso da informação quanto o do comportamento informacional ignorariam os aspectos conflituosos e cooperativos, culturais e políticos, que aproximam a dinâmica social mais de um jogo do que de uma troca de mensagens.

Savolainen (1995), por sua vez, entende que questões subjetivas, socioculturais e de competências individuais merecem mais atenção do que lhes era dado até então, propondo, em resposta, uma abordagem que observe as estratégias de busca de informação no cotidiano.

Surge, nessa fase, uma terceira abordagem, a do “Estudo das Práticas Informacionais”, vinculada a um paradigma social, com foco no grupo social que molda a percepção do indivíduo, mas que também é moldado por ele. A informação não é uma construção puramente subjetiva, uma estrutura mental individual, mas uma construção social de sujeitos informacionais, como define Araújo (2013).

O Estudo de Práticas Informacionais observa o que está sob os comportamentos desses sujeitos informacionais, como constroem sentido em suas ações, como utilizam e produzem informação nesse processo, como são influenciados pelo grupo social enquanto criam sua própria visão do mundo a partir de seus vários papéis na sociedade.



Para avançar no Estudo das Práticas Informacionais em toda sua complexidade, são necessárias abordagens diversas daquelas utilizadas nas fases anteriores, tanto na perspectiva física quanto cognitiva, ou seja, é preciso ir além dos instrumentos utilizados no Estudo de Uso da Informação e no Estudo de Comportamentos Informacionais.

A necessidade de compreender a informação enquanto um produto social em suas muitas e complexas dimensões, tem levado os pesquisadores do campo a aproximarem-se mais das Ciências Humanas e Sociais e dos métodos qualitativos, em detrimento dos paradigmas das Ciências Naturais e das abordagens puramente quantitativas.

Na origem do paradigma social e do estudo das práticas informacionais, está um movimento mais amplo ocorrido nas ciências sociais em geral de valorização da prática cotidiana, com forte influência do sociólogo Pierre Bourdieu e seus conceitos de *habitus* (BOURDIEU, 2011) e sentido prático (BOURDIEU, 2002).

A perspectiva praxiológica busca superar a dicotomia existente até então entre objetivismo e subjetivismo, apontando que as interações sociais moldam o indivíduo e o social reflexivamente, e privilegiando um olhar sobre as pessoas e suas práticas cotidianas.

Essa valorização da vida cotidiana, que já existia no trabalho de Mannheim (1952, 1974) no início do Século XX, está presente em várias linhas de pesquisa, como a etnometodologia de Garfinkel (2018) que estuda as práticas sociais do dia-a-dia, a análise da conversa e suas dinâmicas como descrevem Watson e Gastaldo (2015), a teoria fundamentada proposta por Glaser e Strauss (1967) em que dados são coletados da observação da realidade sem a preocupação de testar uma teoria, ou a microsociologia e a análise da dramaturgia do cotidiano de Goffman (2014).

Seguindo a mesma linha, e dialogando com aquelas teorias, Bohnsack (2020) elaborou uma estratégia de pesquisa, à qual designa Método Documentário, a partir de uma abordagem reconstrutiva da pesquisa social que tem seu fundamento teórico-epistemológico na Sociologia Praxiológica do Conhecimento (BOHNSACK, 2010, 2017, 2020).

O pesquisador reconstrutivo, com uso do Método Documentário, deve elaborar teorias a partir da observação da prática dos agentes sociais, interpretada a partir de suas declarações, narrações e ações. Essa perspectiva pode auxiliar os pesquisadores da Ciência da Informação na análise dos fatores humanos e sociais do fenômeno informacional, ampliando as possibilidades do estudo de práticas informacionais.



O trabalho aqui apresentado está inserido em um projeto de pesquisa em andamento mais amplo no qual se busca, como objetivo intermediário, identificar instrumentos que possibilitem entender as dinâmicas de mediação de informação em grupos sociais.

Nas seções seguintes será apresentada a metodologia de pesquisa utilizada e, em seguida, discutidos os conceitos da Sociologia Praxiológica do Conhecimento e do Método Documentário de pesquisa social e sua aplicabilidade no estudo das práticas informacionais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

A metodologia adotada foi a pesquisa exploratória qualitativa, baseada em revisão não sistemática de literatura científica.

Partiu-se da identificação de métodos qualitativos de pesquisa utilizados em Ciência da Informação e nas Ciências Sociais Aplicadas de forma geral. Buscou-se abordagens que tivessem foco na análise das atividades cotidianas e que permitissem observar elementos ocultos nas práticas de usuários da informação enquanto inseridos em grupos sociais

2.2 A Sociologia Praxiológica do Conhecimento

Ainda nas primeiras décadas do Século XX, Mannheim (1974, 1986) desenvolveu sua visão de uma Sociologia do Conhecimento, baseada numa perspectiva historicista para tratamento do que chamava Ciências Culturais, aquelas referentes aos fenômenos intelectuais. A Sociologia do Conhecimento tem por base a determinação existencial do conhecimento, sua criação social.

Um dos focos da Sociologia do Conhecimento é analisar a construção da visão de mundo de um grupo social num determinado tempo, buscando compreender como ela pode ser revelada e como pode ser teorizada e investigada.

Para o autor, a visão de mundo seria uma construção ateórica, que não é produto do pensamento, mas do viver cotidiano, pertence a um espaço sócio-histórico e sua construção não pode ser compreendida apenas teoricamente.

Para chegar ao entendimento da visão de mundo, Mannheim (1986) propõe a análise dos objetos culturais. Um objeto cultural, seja ele uma obra de arte, um discurso ou uma conversa, terá três níveis de significado. O primeiro, dito objetivo, é dado pelo objeto em



si, o segundo, expressivo, decorre da intenção de quem o produziu, já o terceiro nível, o significado documentário, evidencia o caráter essencial do ato e documenta o espírito, a visão de mundo, do grupo social em que o produtor do objeto estava imerso. Os dois primeiros níveis de significado, objetivo e expressivo, são resultados de uma ação consciente e estão ligados ao agente. O terceiro nível não é percebido conscientemente pelo agente, mas transparece no objeto cultural e pode ser interpretado.

Bohnsack (2010, 2017, 2020) desenvolveu uma abordagem teórica e metodológica para a pesquisa social tendo por base a Sociologia do Conhecimento, a qual agregou o conceito “praxiológica” a partir das ideias de Bourdieu (2002) sobre a formação do conhecimento a partir da *práxis*.

Na visão da Sociologia Praxiológica do Conhecimento o indivíduo vive num espaço de experiências conjuntivas que corresponde, nessa perspectiva, ao meio social no qual está inserido. Nesse espaço, o conhecimento pode ter a forma de conhecimento comunicativo, que é explicitado e formal, ou conhecimento conjuntivo, que é implícito, atóxico e eminentemente relacionado à prática.¹

É no espaço de experiências conjuntivas que reside o vínculo social do pensamento do indivíduo, onde as experiências são compartilhadas criando-se significados e representações coletivas. É nesse espaço que, de forma implícita, se forma o espaço de orientação das ações práticas do indivíduo.

O conceito de espaço de orientação conforme adotado por Bohnsack (2020) corresponde à ideia de *habitus* de Bourdieu (2011) no sentido de representar um sistema de pensamento, percepção e avaliação determinado de forma social e cultural por meio do qual o indivíduo se posiciona e age no mundo.

2.3 O Método documentário e a pesquisa reconstrutiva

Bohnsack (2020) define sua abordagem de pesquisa como reconstrutiva em oposição à abordagem mais tradicional, à qual se refere como “Teste de Hipótese”, característica das ciências naturais, mas também utilizada nas ciências humanas e sociais. Segundo o autor

¹ Os conceitos de conhecimento explícito e implícito têm proximidade com aqueles utilizados por Polanyi que, inclusive, é citado por Bohnsack (2020). Mannheim e Polanyi foram contemporâneos e conviveram durante um período tendo havido, inclusive, troca de correspondência entre eles (MULLINS; JACOBS, 2005).



essa é a oposição metodológica essencial e não aquela que compara métodos qualitativos e quantitativos.

A pesquisa reconstrutiva reforça o vínculo com a experiência cotidiana, de cuja observação o pesquisador busca formar teorias que respondam a uma pergunta de pesquisa. A formação de teorias e a identificação de tipos é feita a partir da reconstrução metodicamente controlada da prática cotidiana por meio da interpretação do que é dito, mas, principalmente, da análise de como esse discurso é construído.

Diferentemente da abordagem de teste de hipótese, em que o pesquisador vai a campo com uma teoria definida que busca validar ou negar, o pesquisador reconstrutivo deixa que a teoria surja da observação da realidade.

Os métodos reconstrutivos buscam minimizar a intervenção do pesquisador, concentrando-se no controle metodológico. Desta forma, numa entrevista ou em um grupo de discussão, as perguntas são o mais abertas possível, deixando que o pesquisado julgue a relevância do que deve ser respondido a partir de sua própria perspectiva.

O método documentário foi desenvolvido por Bohnsack (2020) de forma empírica ao longo da prática de pesquisa com grupos de discussão de coletivos de jovens em diferentes contextos sociais da Alemanha, mas tendo um traço comum, o que possibilitava compará-los.

Diferentemente de Mannheim (1986), entretanto, Bohnsack (2020) trabalha no nível de significado objetivo, que pode ser observado, por exemplo, nas conversas de um grupo de discussão, e busca interpretar o nível documentário, identificando nessa conversação os elementos que permitam reconstruir os tipos daquele contexto. Não considera o nível expressivo, aquele que está ligado à psicologia do agente por considerar que essa dimensão não é alcançável diretamente pelo pesquisador.

Os grupos de discussão são um elemento essencial da análise reconstrutiva pelo método documentário. Os grupos devem ser formados a partir de alguns elementos comuns, sendo o foco do pesquisador observar as diferentes formas como tratam temas idênticos ou comparáveis. O discurso produzido enquanto o grupo discute os temas é que será objeto do trabalho de reconstrução, que se divide em quatro fases.

A primeira fase é a interpretação formulada, onde o pesquisador identifica os temas e subtemas mais relevantes para a pergunta de pesquisa e, também, aqueles aos quais o próprio grupo atribuiu maior ênfase. Nessa fase o pesquisador não interpreta, apenas busca



reconstruir a estrutura temática da conversa, organiza o texto e prepara-o para a fase seguinte.

Na segunda fase, a interpretação refletida, o pesquisador irá reconstruir o quadro em que se deu a discussão, observando o desenvolvimento do discurso tanto do ponto de vista dos indivíduos e sua dramaturgia como das interações que formam a orientação coletiva. A busca é por momentos de maior densidade, onde os indivíduos passam para um segundo plano e destaca-se o grupo, caminhando para a construção de uma conclusão coletiva.

A terceira fase trata da descrição do caso, apontando as orientações gerais do discurso e a forma como este se desenvolve, destaca o quadro de orientação demonstrando como o grupo se articula e desenvolve o discurso comum, sua visão de mundo.

Na quarta fase acontece a construção de tipos. Os tipos são identificados por meio da comparação entre horizontes referenciais opostos, ou seja, entre diferentes grupos de discussão ou entrevistas narrativas que compartilhem um elemento que os una, quando se toma os casos comparados como documentos de um tipo, identificando relações que apontem para a origem das orientações dos grupos analisados.

Um tipo representa uma orientação relevante em um determinado contexto, cujo processo de gênese foi identificado e que apresenta um potencial de se reproduzir em outros grupos, podendo, desta forma, ser considerado acima dos casos específicos.

Na reconstrução documentária, Bohnsack (2020) enfatiza a distinção entre compreensão e interpretação. Segundo ele, a compreensão depende de um contexto experiencial comum, num espaço de relação conjuntiva, e se dá num plano atóxico. Ou seja, a compreensão resulta do compartilhamento de um certo espaço de significados que dispensa teorização.

O pesquisador trabalha principalmente a interpretação, que é um esforço teórico-conceitual e, para isso, deve suspender seu julgamento de validade sobre o que é falado, distanciando-se do contexto que observa. A interpretação documentária busca reconstruir um contexto experiencial do qual o pesquisador não faz parte, logo não compartilha seu espaço de significados. A busca é por identificar o espaço de orientação, o *habitus*, que é indicado pelo significado documentário presente na discussão, mas que está além da intenção consciente dos indivíduos.



O método documentário, a partir de sua base teórica e conceitual na Sociologia Praxiológica do Conhecimento, indica princípios que devem orientar a análise dos espaços conjuntivos.

O princípio da Postura Genética pelo qual o pesquisador deve suspender seus critérios próprios de julgamento e validade, rejeitando hipóteses *ex-ante* e permitindo que a teoria possa emergir da pesquisa. Essa maior abertura no campo permitirá um maior controle metodológico na análise.

O princípio da Reconstrução do conhecimento dos pesquisados por meio da interpretação textual e da análise sequencial de grupos de discussão e entrevistas.

O princípio da Análise Comparativa, que é base da interpretação e gera conhecimento para a identificação de tipos, que estão acima dos casos individuais. Pode haver comparação entre indivíduos no mesmo contexto, tratando o mesmo tema e, também, entre grupos diferentes ou temas diferentes, desde que compartilhem um elemento que oriente a comparação. Essa escolha é orientada pela pergunta de pesquisa, de forma ampla. A comparação busca identificar semelhanças e diferenças que facilitem a compreensão do fenômeno, não pretende hierarquizar os grupos ou experiências.

2.4 Possibilidades de aplicação no estudo de usuários da informação

O Estudo de Práticas Informacionais observa o que está sob os comportamentos dos sujeitos informacionais, como constroem sentido em suas ações, como utilizam e produzem informação nesse processo, como são influenciados pelo grupo social enquanto criam sua própria visão do mundo a partir de seus vários papéis na sociedade.

A Sociologia Praxiológica do Conhecimento e o Método Documentário fornecem instrumentos teóricos e metodológicos adequados a esse estudo, possibilitando observar grupos de discussão arranjados em torno de situações compartilhadas de relação com a informação, como uma equipe que trabalhe junta, uma classe de estudantes ou, até mesmo, usuários de um serviço de informação.

O princípio da postura genética do Método Documentário, com a colocação de perguntas abertas e de pouca intervenção do pesquisador, deixa os membros do grupo livres para explorar o tema. A análise posterior desse discurso pode indicar o esquema de referência daquele grupo e a construção de seu quadro de orientação conjuntivo. A comparação com



outros grupos pode revelar que aspectos de orientação transcendem as especificidades de cada grupo e indicam tipos que podem ser desenvolvidos em conceitos e teorias mais gerais que expliquem as práticas informacionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se apresentar, em linhas gerais, uma abordagem de pesquisa que pode ser aplicada ao estudo das práticas informacionais na perspectiva do paradigma social da Ciência da Informação.

A Ciência da Informação tem suas raízes ligadas à teoria matemática da comunicação formulada por Shannon e Weaver tendo, durante muito tempo buscado uma aproximação com as Ciências Naturais e seus métodos. Araújo (2009) aponta a prevalência de um paradigma positivista que se consolidou mesmo na visão cognitiva. Os estudos ligados ao paradigma social afastam-se dessa perspectiva e aproximam a Ciência da Informação das Ciências Humanas e Sociais, com seus objetos e fenômenos complexos e fluídos.

O indivíduo é, como afirma Mannheim (1986), cidadão de vários mundos que se entrecruzam e deve ser compreendido nessa multidimensionalidade. Pesquisadores em Ciência da Informação buscam novos referenciais teóricos e metodológicos que os auxiliem a explorar esses temas. Nesse sentido, a Sociologia Praxiológica do Conhecimento, e a pesquisa reconstrutiva por meio do método documentário podem oferecer novas possibilidades, novas lentes para observar o fenômeno informacional em seus aspectos humanos.

Como dito no início, este artigo está inserido em uma pesquisa em andamento que prevê, nas etapas subsequentes, a aplicação dos princípios da Sociologia Praxiológica do Conhecimento, por meio do Método Documentário, na análise de grupos de discussão formados por trabalhadores que tenham relações intensivas com informação no seu cotidiano profissional. Os resultados dessa aplicação serão apresentados em publicações futuras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes Teóricas da Ciência da Informação. **Ciencia da Informacao**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 192–204, 2009.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 61–78, 2016.



ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O Sujeito Informacional no Cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Humanas e Sociais. *In: , 2013, Florianópolis. ENANCIB XIV.* Florianópolis: ANCIB, 2013. p. 20.

BELKIN, Nicholas J.; ROBERTSON, Stephen E. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, Leesburg, VA USA, v. 27, n. 4, p. 197–204, 1976.

BOHNSACK, Ralf. A Multidimensionalidade do Habitus e a Construção de Tipos Praxiológica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 22, 2010.

BOHNSACK, Ralf. **Pesquisa Social Reconstitutiva: introdução aos métodos qualitativos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BOHNSACK, Ralf. Praxiological Sociology of Knowledge and Documentary Method: Karl Mannheim's Framing of Empirical Research. *In: KETTLER, David; MEJA, Volker (org.). The Anthem Companion to Karl Mannheim*. New York: Anthem Press, 2017. p. 199–220.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. 1a. ed. Lisboa: Celta Editora, 2002.

FROHMANN, Bernd. The Power of Images: a discourse analysis of the cognitive viewpoint. **Journal of Documentation**, Bingley, UK, v. 48, n. 4, p. 365–386, 1992.

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York, NY: Aldine de Gruyter, 1967.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Porto Alegre, RS: Editora Globo, 1952.

MANNHEIM, Karl. O Problema de uma Sociologia do Conhecimento. *In: BERTELLI, Antônio; PALMEIRA, Moacir; VELHO, Otávio Guilherme (org.). Sociologia do Conhecimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. p. 13–80.

MANNHEIM, Karl. Sobre a Interpretacao da Weltanschauung. *In: MANNHEIM, Karl (org.). Sociologia do Conhecimento*. Porto: Rés Editora, 1986. v. I, p. 49–116.

MULLINS, Phil; JACOBS, Struan. Michael Polanyi and Karl Mannheim. **Tradition and Discovery: The Polanyi Society Periodical**, Lexington, VA, v. 32, n. 1, p. 20–43, 2005.

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday life information seeking: Approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library and Information Science Research**, Amsterdam, NED, v. 17, n. 3, p. 259–294, 1995.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. **Etnometodologia e análise da conversa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.